

COLECÇÃO AUTORES GREGOS E LATINOS
SÉRIE ENSAIOS

Joaquim Pinheiro
José Ribeiro Ferreira
Nair Castro Soares
Rita Marnoto

CAMINHOS DE
PLUTARCO NA
EUROPA

2ª EDIÇÃO REVISTA E AUMENTADA



IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

PLUTARCO E O CONCEITO DE VIRTUDE NOS REVOLUCIONÁRIOS FRANCESES

JOSÉ RIBEIRO FERREIRA
(Universidade de Coimbra)

Alude-se sucintamente ao fascínio que a Grécia e Roma exerceram sobre a maioria dos revolucionários franceses e, em seguida, analisa-se a importância que atribuíam ao que chamavam a virtude republicana. Os traços essenciais dessa virtude encontraram-nos predominantemente na actuação dos grandes homens da Grécia e de Roma biografados por Plutarco, um autor que deve ter exercido papel importante na formação do espírito dos homens da Revolução. Estamos afinal perante uma educação pelo paradigma que na Hélade tanta influência teve na formação dos jovens.

Ao ler os textos e intervenções dos Revolucionários Franceses, deparamos amiudadas vezes com afirmações que manifestam a intenção de serem os Licurgos da França, de imitarem, como seus modelos, os grandes generais e grandes homens da Grécia e de Roma: Fócion, Cévola, Horácio Cocles, Camilo, Cincinato, Catão, Bruto; os que consideram traidores são os Catilinas e os reis os tiranos; dão nomes de figuras da Antiguidade Clássica a ruas, a povoações e comunas, ou às crianças recém-nascidas.¹

É certo que, no confronto ideológico que então se verifica, nem todos têm idêntica visão da Antiguidade

¹ Ao assunto já me referi em J. R. Ferreira 1988: 203-234

Clássica e consideram positiva e benéfica a imitação das suas instituições e costumes.² Mas boa parte deles pelo menos acreditava que o passado da Antiguidade Clássica tinha algo a ensinar à França. Adquirida essa crença, durante os anos de estudo, em contacto com as obras de autores antigos – na sua quase totalidade latinos – que se referiam a um passado grandioso e idealizado da Grécia e de Roma, a leitura de tais textos leva a geração revolucionária a admirar as virtudes e liberdades republicanas dessas duas sociedades e incita-a a seguir o exemplo dos seus heróis e governantes.³

O fermento estava lançado. O estudo dos autores antigos e o convívio com a história e instituições da Grécia e de Roma originaram, pelo menos indirectamente, uma mudança psicológica. Concebidas como perfeitas em comparação com a França em que viviam, a imitação do paradigma das comunidades clássicas significava no seu modo de ver uma transformação radical.

Das referências à Antiguidade Clássica, as relativas a Roma são estatisticamente mais numerosas do que as

² Condorcet, por exemplo, era de opinião que a França não necessitava de imitar a Grécia e Roma. Apenas admite que com elas têm algo a aprender em política, antes da Revolução da América. Considerava que, em poesia e teatro, saber, cultura e direito, os Modernos eram superiores aos Antigos. Em consequência da Revolução e independência dos Estados Unidos da América, a partir de 1780, Condorcet menciona as instituições dos Antigos apenas com desprezo e desdém: e. g. 1968: I 403-404, 446-447; II 41 ; III 373-374, 382-383, 402-403, 534-535, 551; VII, 97-99, 202-203, 268-269, 278-279, 374-375.

³ Sobre os estudos e textos lidos e comentados nos estabelecimentos de ensino frequentados por eles vide H.T. Parker 1937: 18-33.

respeitantes à Grécia; dentro desta os Revolucionários mais influentes e radicais manifestam maior preferência por Esparta e têm no geral uma visão pouco positiva, para não dizer negativa, da democracia ateniense.⁴

Os Revolucionários, e em especial alguns dos mais influentes, acreditavam que conseguiriam uma transformação da sociedade francesa, se nela fizessem reviver as virtudes das repúblicas da Antiguidade Clássica. Por isso, procuram ressuscitar no seu país as instituições e virtudes que vigoravam nos dias gloriosos da Grécia e de Roma. Para a consecução desse desiderato contam com o seu papel de legisladores e com o sistema educativo que pretendiam implantar.

Para muitos dos membros da Convenção, o ideal era a virtude severa das antigas Grécia e Roma, em especial de Esparta – uma virtude composta de austeridade e severidade com o próprio e com os outros, simplicidade e incorruptibilidade, caridade, doação e devoção à pátria.⁵ Saint-Just refere que “um governo republicano tem a virtude por princípio” e Robespierre vê na virtude política um princípio fundamental do governo democrático e popular e

⁴ Dos numerosos exemplos dou apenas o seguinte, tirado de um discurso que Robespierre pronunciou na Convenção em 7 de maio de 1794. Para ele o espírito oportunista de Sólon deve ser evitado e considera que, na História, Esparta “brilha como um clarão nas trevas imensas”. Cf M. Robespierre 1973: 158.

⁵ Essa virtude é exaltada em livros, discursos, folhetos, cartas, panfletos, nos quais o recurso aos modelos da Grécia e de Roma é prática comum. Vide H. T. Parker 1937: 152-155; F. Díaz-Plaja 1960: 69-74.

proclama num discurso de 29 de setembro de 1791, pronunciado na Assembleia Nacional:

Destruí a virtude e tereis tirado à corrupção o freio mais poderoso.

Os dois referidos revolucionários consideram assim essa virtude necessária às sociedades e acentuam que ela realizou prodígios na Grécia e em Roma.⁶ Os Jacobinos recomendavam a austeridade e a severidade como qualidades necessárias à salvação da República e, sobretudo durante o Terror, procuravam incutir uma vida ascética. Barère coloca o fundamento da república na virtude inflexível de Bruto e Courtois acentua que Nero temia mais um homem virtuoso, Traseas, do que todos os senadores juntos.⁷ Ainda no mesmo diapasão Billaud-Varennes assegura:

A inflexível austeridade de Licurgo se converteu em Esparta no mais robusto pilar da República; o carácter débil e confiado de Sólon devolveu Atenas à escravidão. O cônsul Bruto, ao condenar à morte os seus dois filhos culpados de traição, compreendeu que tal severidade mesclada com terror abafaria por muito tempo os germes da conspiração.⁸

⁶ Saint-Just 1968 : 327, 332-333e 358; M. Robespierre 1973: 39, 110-111, 138 (citação da p. 39).

⁷ Cf. *Moniteur* de 25 de abril de 1793, para Barère, e *Moniteur* de 18 de novembro de 1795, para Courtois (apud F. Díaz-Plaja 1960: 70 e 74, respectivamente).

⁸ *Moniteur* de 21 de abril de 1794 (apud F. Díaz-Plaja 1960: 72).

A virtude merece recompensa, mas o crime e a traição devem ser castigados. Por isso Villetard dá Roma como modelo, pelo modo como tratou Mânlio em duas situações distintas: ergue-lhe uma casa no Capitólio, como monumento ao seu valor, quando expulsa os Gauleses desse local, mas pouco tempo depois, ao tornar-se culpado de traição, precipita-o do alto desse mesmo Capitólio. E Villetard conclui:

Eis aqui o caminho que vos traça o exemplo de uma nação digna de ser tomada como modelo⁹

Robespierre considerava mesmo a austeridade uma digna irmã da pobreza. No discurso “Sobre a Propriedade”, pronunciado na Convenção Nacional em 24 de abril de 1793, afirma ser uma quimera a igualdade de bens e que é mais urgente tornar honrosa a pobreza do que proscrever a opulência, já que a barraca de Fabrício – um consul romano que ficou como símbolo do magistrado incorruptível – não tem nada que invejar ao palácio de Crasso. Por isso proclama que preferia ser um dos filhos de Aristides, educado no Pritaneu a expensas da República, a ser o presumível herdeiro de Xerxes, nascido no lama da corte para ocupar um trono adornado com o envilecimento do povo e resplandecente com a miséria pública.¹⁰ Num discurso de 5 de fevereiro

⁹ *Moniteur* de 6 de Maio de 1795 (apud F. Díaz-Plaja 1960:74).

¹⁰ M. Robespierre 1973: 99. Robespierre aduz mais vezes o nome do ateniense Aristides como exemplo do homem justo e incorruptível: por exemplo, na p. 141, estabelece o contraste entre a Atenas degenerada do tempo de Filipe da Macedónia e a da época

de 1794, vai mais longe e defende que em determinadas alturas a virtude deve ser imposta pelo terror:

Se a força do governo popular é, em tempo de paz, a virtude, a força do governo popular em tempo de revolução é ao mesmo tempo a virtude e o terror: a virtude, sem a qual o terror é coisa funesta; o terror, sem o qual a virtude é impotente.¹¹

Durante o Terror a Revolução incute um ideal de virtude que procura impor uma vida ascética. Depois do 9 Termidor, tal como em outros domínios, inicia-se a crítica a tal pretensão e apontam-se os defeitos dessa noção de virtude e os malefícios a que conduziu. Na sessão de 10 de novembro de 1794, uma voz anónima exclama no Congresso:

Reformem-se os costumes e os divórcios serão raros. Com os costumes simples da república, o romano ignorou o divórcio; com as normas corruptas da Roma imperial, o divórcio tornou-se tão frequente como o matrimónio.¹²

Mais significativa ainda é a afirmação de Cheviner, ao louvar os escritores e artistas que não se desonraram, pactuando com o Terror, mas trabalharam no silêncio do seu escritório

gloriosa de Milcíades e Aristides.

¹¹ M. Robespierre 1973: 143.

¹² Cf. *Moniteur* de 11 de Novembro de 1794 (apud F. Díaz-Plaja 1973: 73).

... acostumados, por assim dizer, a conversar com Aristides e com Catão de Útica, com Demóstenes e Cícero, não admiraram a homicida austeridade de um Couthon.¹³

Os traços essenciais desta concepção de virtude encontraram-nos por certo na actuação dos grandes homens da Grécia e de Roma biografados por Plutarco, um autor que, através da tradução de Dacier *As Vidas dos Homens Ilustres* – saída em Paris, em 1762 –, deve ter exercido papel importante na formação do espírito dos homens da Revolução.¹⁴ Aliás são frequentes as alusões a esse autor grego tardio e à atracção que ele exercia. Ducos fala em Plutarco e cita as suas expressões sobre o modo de encaminhar os cidadãos para a virtude.¹⁵ Mme Rolland confessa que o contacto com Plutarco a tornou republicana, que em criança e na juventude chegava a levar para a igreja as *Vidas Paralelas*, em vez do livro de orações, e que a sua leitura a transportava para o passado da Grécia e de Roma, a fazia identificar-se com os heróis aí biografados e compartilhar as suas paixões; lamentava mesmo não ter nascido espartana ou romana.¹⁶ Brissot de Warville, um líder da Gironda, conta que, no último ano de estudante, o seu desejo de fama e os seus sonhos eram satisfeitos na leitura de livros, sobretudo de

¹³ Cf. *Moniteur* de 5 de Janeiro de 1795 (apud F. Díaz-Plaja 1973: 73).

¹⁴ No quadro apresentado por H. T. Parker 1937: 18-19 vemos que, depois de Cícero citado oitenta e três vezes, Plutarco é o mais contemplado com trinta e seis citações, de par com Horácio.

¹⁵ Cf. P. Kesse 1969: 111.

¹⁶ Mme Rolland 1827 : I, 25/ II, 99.

Plutarco, e ansiava assemelhar-se a Fócion, biografado por aquele polígrafo grego.¹⁷

Estamos perante uma educação pelo paradigma que, na Hélade, tanta influência teve na formação dos jovens e já a encontramos em acção nos Poemas Homéricos, quando Atena aponta a Telémaco o exemplo de Orestes para o motivar a ir colher informações sobre o pai.¹⁸ O Padre Gregoire encaminha-nos nessa direcção, ao referir que há tendência a imitar as grandes figuras do passado e ao aconselhar que se semeie virtude para recolher virtudes, já que, se a reputação de Milcíades inflamou o coração de Temístocles e o tornou seu émulo, um sofisma desorienta e um mau exemplo arrasta:

Semeemos a virtude, e nós colheremos virtudes. Foi esta a reputação de Milcíades que inflamou o coração de Temístocles, e Temístocles tornou-se seu rival.¹⁹

Grande parte dos homens da Revolução encontravam esses paradigmas, de preferência, nos biografados de Plutarco e acima de todos eles estava Licurgo, o lendário legislador a quem a tradição atribuía a criação da Esparta clássica. Mas, se Licurgo é o modelo dessa virtude entre os Helenos, Marco Bruto e Catão

¹⁷ B. de Warville 1911: I, 42.

¹⁸ Depois os próprios heróis homéricos foram tomados como modelos pelos Gregos dos tempos futuros. Vide V. Ehrenberg 1964:10-12; J. Griffin 1977: 39-53; W. Jaeger ³1954: cap. 3; H.-I. Marrou ⁶1965: 1.

¹⁹ Afirmações de um discurso proferido na Convenção Nacional em 28 de setembro de 1793. Cf. A. Soboul (ed.) 1977 : 59-60 (citação da p. 59).

de Útica são-no entre os Romanos, com prodominância para Bruto. Assim Cheviner acentua que a vida austera desse indefectível defensor da República romana oferecia o modelo da virtude.²⁰

Lembrando ter sido graças à sua severidade que Licurgo impôs as reformas, Saint-Just é de opinião que pelo mesmo método se pode conseguir a regeneração rápida da França; para isso advoga a criação de instituições que possam refrear o procedimento dos renitentes e incorrigíveis.²¹ Por exemplo, admite a necessidade de um ditador em toda a revolução, para salvar o Estado pela força, e propõe, para o salvar pela virtude, a criação de censores – que devem ser anciãos com mais de sessenta anos – com a finalidade de censurarem a vida privada e a vida dos funcionários.²² O facto de Saint-Just ser membro da ditadura jacobina do Comité de Salvação Pública e de acreditar, à semelhança do que sucedeu na Grécia na época arcaica, no papel e no poder do legislador, induziu-o a sentir-se livre de ousar e de fazer a regeneração do seu país.

Da breve análise feita, pode concluir-se que a camada dirigente da Revolução Francesa estava profundamente identificada com a cultura da Grécia e de Roma, em cujas sociedades vêem realizações ideais. Como consequência desejam moldar a vida do seu

²⁰ Cf. *Moniteur* de 5 de janeiro de 1795 (apud F. Diaz-Plaja 1973: 74).

²¹ Saint-Just 1968: 327-329.

²² Saint-Just 1968 : 358-360, 328, 340-341, 353-354.

país por esses modelos e dotar a França com várias das instituições que nelas encontravam. Acreditavam sobretudo que conseguiriam uma transformação da sociedade francesa, se nela fizessem reviver, quer através de um sistema educativo público, comunitário e igual para todos, quer por leis reformadoras, quais outros legisladores gregos, as virtudes das repúblicas da Antiguidade Clássica. Os modelos de tais virtudes encontravam-nos nos biografados por Plutarco. No que respeita à Grécia, podemos de modo geral afirmar que os elementos mais radicais sentem profunda admiração pela rígida, austera e disciplinada Lacedemónia, enquanto os mais moderados preferiam uma França à imagem da livre e democrática Atenas, onde todos os problemas podiam discutir-se sem reservas. Se dermos à afirmação uma certa amplitude nas excepções, podemos ainda generalizar mais e concluir, grosso modo, que os Girondinos se inclinavam para Atenas e os Jacobinos, que estiveram na base do Terror, eram adeptos de uma sociedade próxima da de Esparta.²³ Aliás Taine descreve

²³ Alguns exemplos: Desmoulins é um apaixonado admirador de Atenas e ataca Brissot, um girondino, por admirar Esparta (vide A. Soboul 1980: 346); o girondino Ducos apoia o projecto de Lepeletier que, como vimos, apresenta muitas semelhanças com as práticas educativas de Esparta, enquanto o montanhês Duhem ataca esse mesmo projecto, na sessão de 22 de outubro de 1793, em que ele voltou a ser discutido, de acordo com o resumo do debate transmitido pelo *Journal des débats et des décrets* (M. J. Guillaume 1894: II, 673-677 reproduz esse debate); Grégoire e Lanjuinais, dois jacobinos, criticam Esparta e atacam a tentativa de a imitar (Para A. Soboul 1977: II, 30 (Guillaume 1894: II, 173) e Mme Rolland 1827: I, 344 (M.J. Guillaume 1894: II, 178).

o programa dos Jacobinos como uma tentativa de voltar às instituições de Roma e de Esparta que eles tomaram como modelos.²⁴

²⁴ Taine 1892: 115 e 121.